



Beni Jr./Divulgação

Fátima Santiago e sua escultura no trevo que liga São João del-Rei a Tiradentes

Uma escultura para a Estrada Real

ARTES PLÁSTICAS

FLÁVIA WALTRICK

Traduzir as curvas, as histórias e as belezas da Estrada Real em moldes plásticos foi o desafio da artista Fátima Santiago, que recentemente inaugurou o marco escultural da Estrada Real, no trecho que liga as cidades de São João del-Rei a Tiradentes – Trevo do Bezerrão, junto às comemorações do aniversário de São João.

“A obra faz parte do projeto da Estrada Real e quando fiz a escultura queria que ficasse num trecho que fosse em Minas Gerais. Fiquei receosa que fosse em Parati, onde a estrada também chega. Escolhemos São João pelo valor cultural que a cidade representa. Inclusive, ela será a ca-

pital da cultura no Brasil em 2007”, argumenta a artista plástica Fátima Santiago.

A megaescultura da artista foi feita em aço Usi-Sac-300, com 250 centímetros de diâmetro, pesando 1,5 toneladas. As formas arredondadas, que criam um círculo, sugerem uma volta ao mundo. “Quando pensei nas estradas, decidi fazer os caminhos de Minas. A Estrada Real era a entrada dos bandeirantes que levaram nossas riquezas para o mundo”, explica a autora. “Trabalho muito com aço, mas essa escultura tinha que ser em aço Sac por causa da cor, que me inspira e é uma característica das montanhas de Minas, cheias de minério de ferro”.

Curvas da Estrada Real é a primeira escultura em praça pública da artista em Minas Ge-

rais. Antes de chegar a seu estado natal, Fátima Santiago já tem uma outra obra exposta na capital do Rio de Janeiro. Trata-se de uma escultura em aço inox, com 350 cm de altura na área de desembarque do bondinho no Morro da Urca, no Rio de Janeiro. A peça foi feita em comemoração aos 90 anos do teleférico do Pão de Açúcar.

“Gosto das esculturas em praça pública porque valorizam o trabalho e o turismo das cidades. Aliás, o turismo é importante e Minas Gerais não explora bem esse segmento. O projeto da Estrada Real vem valorizando e conseguindo ampliar o turismo no Estado”, conta a artista, mineira de Pompéu.

O título da obra foi dado pela comissão do projeto e, mesmo sem saber, Fátima acabou apro-

vando-o. “Eu não ponho nome nas minhas esculturas. A arte é liberdade e o nome pode conduzir o espectador a pensar o que eu penso. O pessoal da Estrada Real escolheu e eu achei interessante”, elogia.

Depois de ter passado o ano de 2006 envolvida com a grande peça – “participo de todos os passos na confecção da peça e essa foi muito trabalhosa”, em 2007 Fátima Santiago pretende lançar uma exposição individual e participar da coletiva *Tridimensional na Arte Contemporânea*, mostra itinerante que já passou pelo MAM de Brasília, MAC-USP, em São Paulo, Museu do Rio de Janeiro e o Centro Cultural Usiminas, em Ipatinga, sob a curadoria do jornalista e crítico de arte Morgan da Motta.